

# VISÕES DE MUNDO E PERSPECTIVAS DE FUTURO: AS PERCEPÇÕES DE JOVENS QUE PARTICIPARAM DE PROGRAMAS CULTURAIS GOVERNAMENTAIS.

Resultado de pesquisa concluída

GT nº 22 – Sociologia da Infância e da juventude

Ana Lúcia Hazin Alencar  
Sueli Maria Pereira Guimarães

## Resumo

Uma investigação realizada por pesquisadores da Fundação Joaquim Nabuco na Região Metropolitana do Recife, Brasil, permitiu a identificação das percepções de si e de mundo de jovens participantes de programas culturais governamentais.

Na argumentação teórica desenvolvida utilizou-se os conceitos de representação social, de Jovchelovitch, e de Pierre Bourdieu, assim como seu conceito de *habitus*. Observou-se na pesquisa que muitos dos jovens possuem uma baixa autoestima. O fato de terem encontrado pessoas, como professores e oficinheiros que acreditaram neles e na sua capacidade de corresponder às expectativas de comportamento geradas, fez com que se sentissem fortalecidos e passassem a acreditar em si mesmos e a vislumbrar novos caminhos a serem percorridos.

**Palavras – chave:** jovens; políticas públicas; cultura

## 1 - Introdução:

Neste artigo procura-se trazer à tona os resultados de uma pesquisa realizada com jovens participantes de programas culturais governamentais destacando sobretudo suas percepções de mundo e as mudanças ocorridas em suas vidas, que foram resignificadas a partir de então.

Há vários ângulos a partir dos quais é possível categorizar os jovens de hoje. O que se entende por jovem? Qual o significado que esse termo encerra? Qual a simbologia que ele carrega?

Mais especificamente na pesquisa realizada buscou-se respostas às questões: Quem são eles? Como vivem? Qual a sua situação socioeconômica? Nível de escolaridade? Status familiar? Onde e como habitam? Quais as possibilidades de acesso à cultura e ao lazer? O que mudou em suas vidas? O conhecimento desses aspectos contribuiu para a compreensão da situação e do comportamento dos jovens no contexto social em que estão inseridos, assim como suas perspectivas de futuro.

A juventude vem sendo definida de diferentes formas e sua abrangência muitas vezes retrata alguns aspectos que se quer destacar. A Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), por exemplo, classificam essa categoria no grupo de idade entre 15 e 24 anos e 15 e 21 anos respectivamente.

Entretanto,

“no debate contemporâneo sobre juventude, não são raros aqueles que defendem a extensão dessa faixa etária para além dos 24 anos, uma vez que a construção da autonomia – característica fundamental dessa etapa da existência – avança crescentemente sobre os anos a partir desse ciclo etário” (Esteves & Abramovay, 2007, p.21).

Estender a abrangência da faixa etária correspondente à juventude para o período que vai dos 15 aos 29 anos foi a opção da Secretaria e do Conselho Nacional de Juventude. Os mesmos limites de idade também foram utilizados como um dos critérios de seleção dos jovens participantes da pesquisa Juventudes, consumo cultural e políticas públicas. Estudos de caso com jovens da Região Metropolitana do Recife, concluída recentemente.

Nesse caso a juventude é definida como

“um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada “fase da vida”, prevalecendo a busca dos aspectos mais uniformes e homogêneos que caracterizariam essa fase da vida - aspectos que fariam parte de uma “cultura juvenil” específica e, portanto, de uma geração definida em termos etários (Pais, 1990, p.140)”.

O termo denota também a vivência de experiências geracionais comuns expressas nos modos de se vestir, no estilo de vida, nas escolhas feitas, etc.

Apenas a condição biológica não é em si determinante; por isso é que autores, como Pierre Bourdieu, chamam atenção para a necessidade de relacionar a idade biológica e a idade social na definição de juventude, período de construção da identidade social. A idade é um marcador identitário que posiciona as pessoas no mundo e “se inscreve como símbolo cultural que diferencia, agrupa, classifica e ordena as pessoas conforme marcas inscritas na cultura [...]” (Gonzales & Guareschi, 2008, p.470).

Esse tipo de abordagem também é feito por Pais (1990), Margulis y Urresti (1996) que veem a juventude como sendo um conjunto social necessariamente diversificado pela presença de diferentes culturas juvenis que assim se manifestam em razão das diferenças de classes, status econômico, capital escolar, oportunidades de acesso a bens materiais ou simbólicos, lugar de moradia, tempo livre, etc. Daí a denominação “juventudes” hoje amplamente utilizada pelos estudiosos da temática, uma vez que o termo representa melhor a pluralidade e diversidade dos seus integrantes, que não podem ser pensados fora das condições objetivas de sua existência.

A percepção que se tem da juventude, muito presente nos estudos sobre essa categoria sociológica expressa, de modo geral, a representação que dela faz a sociedade em determinado momento histórico. Por isso, a concepção de jovem vem mudando ao longo do tempo; nas primeiras décadas do século XX, a juventude era percebida como problema, constituindo-se uma ameaça à ordem social. No Brasil da década de 1960, era comum se referir aos jovens como sendo “o futuro da nação”, tendo em vista o “milagre econômico” que fez com que o Brasil crescesse de maneira admirável durante aquele período, embora os níveis de desigualdade permanecessem marcando as diferenças regionais. Ainda na segunda metade do mesmo século, a crise econômica mundial teve seus reflexos na vida dos jovens que passaram a ser vistos como vítimas do processo de globalização que se alastrava pelo mundo. Para Abramo (1994) a juventude era percebida como uma categoria histórica que ao mesmo tempo em que buscava se integrar à sociedade de consumo procurava se diferenciar manifestando sua autonomia.

Os jovens puderam sentir os efeitos da crise do trabalho cuja oferta foi bastante reduzida, tanto pela situação econômica do Brasil quanto pelo fato de, na maioria das vezes, as pessoas não possuírem as condições que o mercado exigia. São os jovens economicamente desfavorecidos aqueles que mais sofrem com as consequências da crise. Eles sentem medo e insegurança em relação ao futuro, mas esforçam-se para ultrapassar os obstáculos que surgem buscando desenvolver suas potencialidades através de cursos ou oficinas oferecidas por diversos setores da sociedade. É aí que entra o Estado realizando o planejamento de políticas e ações governamentais que possam atender a esse segmento da sociedade.

Para ter uma visão mais ampla dos diferentes enfoques que nortearam a evolução histórica das políticas de juventude na América Latina expõe-se aqui, de forma sintética, os períodos e os modelos de

políticas então vigentes. Entre os anos de 1950 e 1980 a atenção estava direcionada à ampliação da educação e uso do tempo livre; de 1970 a 1985, a preocupação maior voltava-se para o controle social dos setores juvenis mobilizados; o enfrentamento da pobreza e a prevenção do delito nortearam as ações entre 1985 e 2000 (Cf. Abad, 2000).

Apenas no começo do século XXI é que o Estado brasileiro e diversos setores da sociedade civil passaram a dar maior ênfase à problemática dos jovens no sentido de estabelecer uma política de juventude no país (Novaes, 2004). Vários avanços foram registrados a partir de 2005, com a criação do Conselho Nacional de Juventude (Conjuve) e do Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem). Também é deste período a instituição da Política Nacional de Juventude (PNJ). Em 2008 foi realizada a 1ª Conferência Nacional de Juventude com a participação de 402.100 pessoas, sobretudo jovens, que emitiram suas opiniões em várias etapas do processo. Em 2013 foi finalmente aprovado o Estatuto da Juventude no Brasil.

## **2 A construção social do jovem e as representações sociais**

Cada sociedade demarca os critérios que identificam quando e como se é jovem através dos discursos proferidos e pelas expectativas de comportamento geradas. Pode-se dizer com Peralva (1997) que a juventude é, portanto, ao mesmo tempo uma condição social e um tipo de representação. É também uma construção social uma vez que vai sendo moldada pela sociedade de acordo com as mudanças de valores que ocorrem em diferentes épocas e em determinados espaços de tempo. Essa reflexão remete à modelagem da identidade juvenil que se dá no processo de interação, sendo, portanto, relacional. Daí a importância da sociabilidade e da vivência em grupos, onde os jovens podem se identificar com valores, modos de ser e agir de seus pares, mas também perceber as diferenças.

É a identidade que estrutura o modo de ser do indivíduo, a forma de olhar o mundo e se relacionar com os outros na sociedade. Desde a mais tenra infância, a criança aprende o modo de ser menino ou menina, de acordo com os valores e costumes da cultura local em que vive. À medida que o indivíduo vai se desenvolvendo, tanto biologicamente, quanto psicologicamente, ele vai recebendo a influência do conhecimento difundido por diversas instituições (familiares, escolares, religiosas), assim como daquelas ligadas aos meios de comunicação que incentivam o consumo e o acesso aos bens simbólicos. Embora reconhecendo a importância das instituições basilares da sociedade como a família e a escola deve-se ressaltar, nos tempos atuais, a crescente influência de todas as formas de comunicação na difusão dos mais variados estilos de vida dos jovens, da diversidade de culturas juvenis e de seu consumo (Cf. Esteinou, 2005).

Na elaboração das representações sociais o indivíduo assimila, mesmo sem perceber, as influências decorrentes tanto das diversas formas de comunicação quanto do habitus; este é entendido na teoria bourdieusiana como um conjunto de disposições para agir, pensar, perceber e sentir de uma maneira determinada. Estas disposições são adquiridas e interiorizadas durante o processo de socialização, sendo produto da trajetória social dos indivíduos; elas variam, portanto, de acordo com a posição ocupada no espaço social. Decorre daí a multiplicidade de representações sobre a juventude que, por sua vez, exerce uma forte influência na forma como os jovens se vêem.

“Representações são construções sempre ligadas a um lugar a partir do qual sujeitos representam, estando, portanto, intimamente determinadas por identidades, interesses e lugares sociais. Nessa medida, elas representam uma forma particular de construção do objeto e estão constantemente em relação com outras representações que representam outros sujeitos e outros lugares sociais” (Jovchelovitch, 1998, p.77).

Esse lugar de que fala Jovchelovitch pode também muitas vezes ser um “não lugar”, no sentido de que nele não há possibilidade de identificação. Os que habitam espaços físicos conhecidos pela presença marcante da violência, da pobreza, da habitação precária são, em muitos casos, estigmatizados pela sociedade agravando o grau de dificuldades que devem superar para ter acesso a bens e serviços, inclusive os relacionados à cultura e ao lazer. Como os jovens entrevistados pertencem a famílias de baixa renda, de modo geral, seus locais de moradia oferecem uma infraestrutura muito precária. As praças estão praticamente ausentes na cidade; algumas poucas quadras de esporte existentes integram o espaço escolar e servem como local para a apresentação de bandas ou para congregar os alunos. A rua é então o espaço democrático onde se joga uma pelada e se junta alguns amigos para jogar dominó, ou cartas. Os mesmos tipos de jogos também podem acontecer em algum lugarzinho da casa. O cenário exposto faz parte do cotidiano e da vivência dos pesquisados refletindo-se no modo de vida desses jovens.

“Ser jovem não é fácil, ser jovem é muito difícil [...] porque a gente vive em uma comunidade onde as nossas coisas estão completamente inacessíveis. As pessoas não têm acesso à cultura, as pessoas não têm acesso à educação, as pessoas não têm acesso a praticamente nada”.

Essa fala do jovem mostra a representação de sua condição juvenil. Significa também um pedido de socorro, de ajuda, de intervenção das instâncias responsáveis pelo bem-estar do cidadão, que tem direito a uma vida mais digna.

### 3. A representação social dos jovens

Os jovens participantes da pesquisa Juventudes, consumo cultural e políticas públicas são, na quase totalidade, moradores de periferias de cidades do Nordeste Brasileiro com alto grau de desigualdade socioeconômica. A maior parte deles se encontra em situação de vulnerabilidade social decorrente de uma conjunção de fatores: desestruturação familiar, habitação precária, situação econômica problemática, convivência próxima com usuários de drogas. A situação precária em que vivem os exclui do acesso ao consumo, sobretudo o consumo cultural. A presença do Estado e/ou de Organizações Não-Governamentais representam, nesse contexto, a possibilidade de inserção em um mundo ainda desconhecido por muitos. Veja-se como exemplo as mudanças percebidas nos jovens ao se integrarem em Programas onde se aprendia música ou dança.

Para os jovens de dois Programas Governamentais cuja proposta é promover o desenvolvimento musical de seus alunos, a música significa a possibilidade de ter uma profissão, uma realização pessoal que se dá com o processo de aprendizagem conforme depoimentos coletados. Pode-se perceber que muitos desses jovens possuem uma baixa autoestima. O fato de terem encontrado pessoas que acreditaram neles e, por conseguinte, na sua capacidade de responder às expectativas de comportamento geradas, fez com que eles se sentissem fortalecidos e passassem a acreditar em si mesmos, como diz uma estudante: “Eu espero um dia me tornar uma grande saxofonista e poder dizer que foi aqui (no Programa) que tudo começou”.

Segue o diálogo da estudante citada acima, quando levou o saxofone da escola para estudar em casa. O professor lhe disse: “Toma, leva e sobe lá de cabeça erguida”. E ela explicou a reação da comunidade em que vive diante de suas conquistas e do fato de estar acumulando o capital cultural<sup>1</sup>, o que a tornava diferente dos outros jovens do lugar.

---

<sup>1</sup> . Na teoria de Bourdieu, o capital recebe as denominações de capital econômico, ligado à posse de riquezas; capital cultural decorrente da relação do indivíduo com a cultura erudita, a vida das artes e a cultura escolar; e de capital social,

“Quando você começa a se destacar, você começa a sair, as pessoas notam. Muitas delas admiram, mas outras criticam porque no decorrer da vida elas tiveram aquela oportunidade de talvez mudar, de fazer diferente e não fizeram, e não quiseram, e se acomodaram. E quando veem as pessoas fazendo diferente há também uma crítica: “ah, isso não vai dar certo! Ah, ela não vai aprender isso! Um saxofone, meu Deus do céu, isso é praticamente impossível!”

No depoimento apresentado, o aprendizado da música clássica em um instrumento como o saxofone representava para a jovem que ela era capaz de se auto - afirmar na escola e também na vida.

Outro aspecto desenvolvido nos jovens através da música é a sua capacidade de comunicação em consequência da autoconfiança adquirida nas apresentações públicas e no contato com seus pares. A necessidade de serem sociáveis uns com os outros leva ao desenvolvimento da sociabilidade.

“Antigamente eu era mais fechado. Sabe... aquela pessoa que tinha medo de se comunicar com as pessoas [...]. Mas agora não. Agora com o tempo isso foi passando e eu melhorei muito. Sou mais comunicativo com as pessoas, falo, converso”.

No mesmo sentido vai o depoimento de uma entrevistada de outro programa.

“Antes não conversava nem com meus colegas da escola, nem era muito chegada à minha mãe, assim, para conversar. Agora não, me solto mais, converso com todo mundo, mudei muito.”

Nesse contexto, a sociabilidade compreende as redes que nascem espontaneamente das relações que cada indivíduo mantém com os outros. Há, entretanto, uma contribuição do indivíduo na constituição dessas redes ou um investimento na constituição do capital social, para usar a terminologia de Bourdieu, uma vez que se definem os espaços sociais onde se encontram, por opção, atores sociais que têm prazer e interesse em serem sociáveis uns com os outros.

Para Pierre Bourdieu (1980, 2001), o capital social é constituído pela totalidade dos recursos potenciais ou atuais, associados à posse de uma rede duradoura de relações, mais ou menos institucionalizada, de conhecimento e reconhecimento mútuos. A importância desse tipo de capital na vida dos jovens pode ser reconhecida na fala de um jovem ao expressar sua percepção sobre um animador cultural.

“[...] é um ótimo educador. Eu gostei muito porque ele tem muita paciência com a gente; ele é amigo [...]. Quando a gente está triste ele não é só animador, ele também se torna um amigo, se torna um pai para a gente [...]. Quando acaba a percussão se ele vê alguém triste ele chama assim: olhe, o que está acontecendo? Ele se torna um educador, um amigo, isso é muito bom”.

É relevante ressaltar a importância do acolhimento, da relação de respeito e de amizade que os jovens encontravam nos locais que frequentavam para buscar um aprendizado que lhes propiciasse melhores condições de vida no futuro e vivenciar ao mesmo tempo momentos de lazer. Não se pode deixar de destacar também todo o simbolismo presente nas falas do jovem ao identificar no educador a figura do pai.

#### **4. Um olhar diferente sobre si mesmo gera novas perspectivas**

---

significando a densa rede de relações, essenciais para a alta sociedade. Qualquer um dentre os diversos tipos de capital pode se transformar em capital simbólico.

A pesquisa “Juventudes, consumo cultural e políticas públicas” foi realizada com o objetivo de identificar a repercussão de programas e ações culturais governamentais na vida dos seus jovens usuários. Perguntou-se aos entrevistados se eles perceberam alguma mudança após a participação nas atividades em que estavam inseridos. No caso de respostas positivas perguntava-se então: o que mudou?

As respostas dadas pelos jovens ao longo das entrevistas permitiram verificar que:

- Houve uma maior inserção social. A grande maioria dos jovens entrevistados são membros de famílias que possuem uma baixa renda, o que dificulta o acesso a bens culturais e ao lazer, já que esses não são percebidos como bens de primeira necessidade. A situação de vulnerabilidade em que vivem as famílias faz com que a frequência a certos espaços seja problemática devido à carência econômica que muitas vezes impede até o deslocamento de um local a outro.

A presença de algumas ações ou projetos culturais propicia aos jovens essa participação, respondendo às necessidades e aos direitos dos cidadãos.<sup>2</sup> Tal inserção é muitas vezes expressa com palavras que indicam a saída da rua, do mundo das drogas e da marginalidade. Como diz um jovem:

“[...] se você não tem com que se ocupar, você vai procurar alguma coisa; e em comunidades carentes o que você encontra para se ocupar é jogo de pelada, drogas, bebidas e prostituição. É o que o jovem procura e o que ele acha primeiro pra se ocupar; ele acha que é o certo, ele corre, pega, agarra e fica com aquela idéia na cabeça. [...] A importância do programa para mim foi que eu mudei 100% porque eu não tinha modos de falar não. O que me dava na telha eu falava e até magoava certas pessoas”.

Esse foi um tipo de depoimento que se repetiu em várias ocasiões, muitas vezes repleto de emoções. Outras vezes, o silêncio falou mais que as próprias palavras. Sabe-se, no entanto, que não é preciso muito esforço para incentivar o jovem a participar de atividades culturais e de lazer: é suficiente que elas existam e sejam divulgadas. Um fator importante é ocupar o seu tempo livre com algo que traga prazer. Como diz Gebara (2002, p.85), a função do lazer [...] não é liberar tensões compensatórias e sim restaurar tensões agradáveis e desrotinizadas, capazes de recuperar e integrar todas as esferas da vida.

- Os jovens se dizem mais disciplinados e mais responsáveis. A participação em programas culturais exige por parte de seus coordenadores o respeito às regras estabelecidas e um compromisso com as pessoas e os programas. Trata-se, na verdade, de projetos educativos, uma vez que os oficinairos, professores e gestores contribuem fortemente para a formação dos jovens, transmitindo-lhes não só conhecimento, mas também ouvindo, orientando e apoiando aqueles que estão sob sua responsabilidade.

Referindo-se a um programa do qual participava uma jovem falou:

“Eu acho ele importante assim, pelo menos na minha vida e eu acho na vida de muitas outras pessoas também. Porque assim, querendo ou não ele tira pessoas da rua, que querendo ou não estavam entrando em alguma coisa errada. Que não sabiam ao certo o que queriam fazer [...]. Eu acho que a banda ajuda, porque ocupa o nosso tempo, ocupa a mente. [...] De certa forma traz uma certa responsabilidade. A gente tem horário de ensaio, tem que aprender as músicas, tem que aprender as coisas certinhas”.

---

<sup>2</sup> Novais, R. (2007) chama atenção para o fato de que os direitos atribuídos a grupos sociais e não a indivíduos são chamados de “difusos” sendo esta a terceira geração de direitos. A primeira geração consagrou os direitos civis e políticos e a segunda, os direitos sociais.

- Mudança nos gostos e estilos de vida: A experiência vivenciada pelos jovens em cursos e oficinas, principalmente os relacionados com a música, fez com que eles se apropriassem de gostos diferentes daqueles que possuíam antes de tocar algum instrumento musical.
- “Quando eu estou tocando na orquestra (Orquestra Sinfônica Jovem) [...] e a gente está junto com o grupo também, [...] eu chego a ficar arrepiado, [...] às vezes eu sinto mesmo aquela emoção coletiva”.
- Reapropriação de elementos culturais. Houve mudanças na forma de compreender a cultura e suas manifestações em consequência da participação em programas culturais. Para muitos, devido a influências religiosas, as manifestações culturais ligadas à percussão eram mal-vistas. Isso pode ser percebido em uma fala de um jovem que assim se expressou: “Antigamente, quando não conhecia, escutava uma música dessas e fazia ‘isso é macumba’. Hoje eu entendo que isso é cultura, que faz parte da cultura”. Então o que se verifica é que, em geral, a visão de mundo dos jovens está muito relacionada ao conhecimento que ele foi capaz de aceder. A partir do momento em que o leque de possibilidades se abre, amplia-se a percepção de mundo deixando de lado preconceitos e posicionamentos radicais unilaterais.
- Novas perspectivas de vida: os jovens das camadas populares não têm, em geral, muitas oportunidades de escolhas em suas trajetórias de vida. Isso porque, a posse do capital econômico, que é escasso, dificulta o investimento em capital cultural. Para os jovens participantes de políticas públicas direcionadas à cultura que se dedicam verdadeiramente às atividades propostas abrem-se novas possibilidades de caminhos a serem percorridos.

“Quando eu descobri a banda, o professor disse: Meu filho o caminho é esse. Aí realmente eu conheci e conheci outras pessoas e eu fui tendo um espelho para mim [...] Que legal o pessoal chegava e me estimulava. Aí, assim, quando eu comecei a tocar trombone eu disse: agora eu quero crescer no trombone. Quero ser profissional. Meu pai me apoiou e também uma tia que é professora”.

É preciso, no entanto, ressaltar que as possibilidades de sucesso do jovem não dependem dele, apenas. Constatou-se, na pesquisa, pelos depoimentos coletados, que os cursos ou atividades de curta duração não repercutem tanto na vida dos jovens. As marcas deixadas foram muito tênues e muitas vezes quase que se apagaram da memória dos entrevistados, principalmente em termos do conteúdo apresentado. Os jovens, porém, não esquecem a atenção e dedicação de professores, coordenadores e oficinairos, que mesmo com poucos recursos, esforçam-se ao máximo para dar sua contribuição aos que os procuram.

- Redefinição da identidade: O conhecimento da própria identidade é um processo difícil para o jovem que ainda não é adulto e que, na percepção de muitos, não deixou de ser criança. Tal fato é também agravado pelo contexto social em que está inserido, uma vez que a identidade é constituída tanto por experiências passadas, embasadas em valores e normas – podendo ser claramente apreendidas através do conceito de *habitus* de Bourdieu –, quanto pelo contato com o novo, que chega através dos meios de comunicação ou através da convivência com pessoas que servem, muitas vezes, de espelho ou referência. Portanto, a maneira como as pessoas constroem sua identidade decorre não somente de condições objetivas, mas também, do ser percebido por si mesmo ou pelos outros.

## 5. Considerações finais

Constata-se que a história que está sendo narrada pelos jovens é diferente daquela vivenciada pela família. E eles almejam continuar se esforçando para que o presente se transforme em um futuro melhor. Embora se constate uma melhoria no poder aquisitivo da população brasileira com reflexo no estilo de vida e na seleção daquilo que se consome, o consumo cultural entre os jovens ainda é bastante limitado. A frequência a museus e teatros, por exemplo, é insignificante na população de baixa renda, devido à escassez de recursos que precisam ser direcionados para os bens de primeira necessidade.

Entretanto, entre os jovens que estudam música ou aprendem a fazer teatro muitos já mudaram o gosto porque lhes foi dada a possibilidade de entrar em contato com um mundo diferente e a partir daí fazer escolhas.

O resultado foi uma melhoria na autoestima. Esse aspecto é importante na vida dos jovens. Identificou-se, pelos relatos obtidos nas entrevistas, uma mudança de percepção dos jovens, pela comunidade onde vivem. Uma jovem participante de um programa ligado à atividade musical diz em um trecho de sua entrevista que “o povo me admira agora [...] estou mais inteligente, a gente aprende mais”. A autoestima gera também confiança em si mesmo e o desejo de conhecer e enfrentar o mundo.

Os jovens passam também a ser mais sociáveis ampliando sua rede de relações. Os relacionamentos se dão não só através das relações face a face, mas também através dos meios eletrônicos. É interessante notar que a oportunidade de estar participando de um grupo faz com que muitos jovens saiam do casulo e interajam mais frequentemente com os outros. Há ainda aqueles que ficam mais seletivos em relação aos relacionamentos e dizem que cultivam amizades, sobretudo, com pessoas, algumas delas já profissionais, que possuem as mesmas afinidades, sobretudo musicais. A pesquisa mostrou através de seus resultados a importância de políticas culturais para a juventude, mas também a escassez de ações e a necessidade de investimentos.

## 6 Bibliografia:

Abad, M. (2002). Las políticas de juventud desde la perspectiva de la relación entre convivencia, ciudadanía y nueva condición juvenil. **Ultima década**. Viña Del Mar, CIDPA, n.16, p.119-155.

Abramo, H. W. (1994). *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Escrita.

Bourdieu, P. (1980). *Le sens pratique*. Paris: Minuit.

Bourdieu, P. (1996). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.

Bourdieu, P. (2001). *Poder, derecho y classes sociales*. Bilbao: Desclée.

Esteinou, R. (2005) *La juventude y los jóvenes como construcción social*. In: *Jóvenes y niños: um enfoque sociodemográfico*. Mier y Terán, M.Rabell, C. (Coord.).Mexico: UNAM/FLACSO.

Esteves, L. C. G.; Abramovay, M.(2007) *Juventude, Juventudes: pelos outros e por elas mesmas*. In: Abramovay, M., Andrade, E. R., Esteves, L. C. G. (Org.) *Juventudes: outros olhares sobre a diversidade*. Brasília: MEC/ Unesco. p.19 – 54.

Gebara, A.( 2002). *Sociologia configuracional: as emoções e o lazer*. In: Brunhs, H.(Org.) *Lazer e Ciências Sociais: diálogos pertinentes*. São Paulo: Chronos

Jovchelovitch, S. (2000). *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis: Vozes.



Jovchelovitch, S. (1998) Re (des) cobrindo o outro: para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. In: ARRUDA, A (ed.) Representando a alteridade. Petrópolis, RJ: Vozes, p.69-82.

Margulis , M.; Urresti, M. (1996). Moda y juventude. In: Margulis , M. (ed.) La juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventude. Buenos Aires: Biblos, p.133-146.

Minayo, M.C.S. et al. (1999) Fala Galera: juventude, violência e cidadania. Rio de Janeiro: Garamond.

Novaes, R. (2007). Juventude e sociedade: jogos de espelhos. Sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. Revista Sociologia Especial- Ciência e Vida- São Paulo, v.1, n.2

Pais, J.M. (1990). A construção sociológica da juventude – alguns contributos. Análise social. 25, 139-165.

Peralva, A. (1997). O jovem como modelo cultural. Revista Brasileira de Educação. Universidade de São Paulo.